

Migrações, Diversidade e Cosmopolitismo na Cidade de Lisboa

Francisco Lima da Costa

SociNova Migrações, Universidade Nova de Lisboa

A relação entre globalização e cosmopolitismo, o crescimento dos fluxos migratórios e a diversidade daí decorrente, são alguns dos temas incontornáveis no dealbar do século XXI.

No que toca à questão das migrações, parece já fazer parte do discurso instituído na esfera pública que a imigração gera aspectos económicos positivos. De facto, para além daqueles que dizem respeito às contas públicas e ao equilíbrio do sistema de segurança social, há ainda que salientar a criação de sistemas de produção etnocultural que concorrem para a emergência de novas fórmulas económicas (e também culturais e políticas) onde a etnicidade se constitui como valor.

O estudo dos mercados etnoculturais, decorrentes dos fluxos migratórios, coloca em evidência o contributo que a diversidade e cosmopolitismo dos migrantes envolvidos trazem para a oferta de lazer urbano.

Os mercados etnoculturais vão ganhando cada vez maior expressão, desde a música à literatura, passando pela gastronomia e a dança, ou mesmo à turistificação de espaços etnicizados, como é o caso do Martim Moniz ou da Cova da Moura, a emergência de uma economia etnocultural é um processo em desenvolvimento tanto em Lisboa, como noutras cidades do Mundo.

Os exemplos vão-se multiplicando e, se bem que se possa sempre relativizar estes processos, o que é um facto é que eles têm contribuído para alterar o olhar sobre as questões da etnicidade, gerando processos de etnicização positiva que contribuem para uma apreciação mais inclusiva da diversidade.

Há, no entanto, que não esquecer que as tensões entre “as identidades monolíticas” e “as identidades cosmopolitas” permanecem e não são um aspecto fácil da questão.

A instrumentalização destes processos (as “ideologias da uniformidade”, mas também as da diversidade) pode ter um reverso da medalha, particularmente se o seu efeito na vida quotidiana for prejudicial.

Com efeito, a introdução deste tipo de discursos na esfera pública, mas também académica e política é muito comum, existem vários exemplos desses processos cujo racismo científico é uma boa ilustração. Além disso, como é fácil lembrar, as “identidades assassinas” são capazes das maiores atrocidades, gerando conflitos étnicos em função de interesses políticos diversos.

Actualmente vários discursos individuais e institucionais tendem a valorizar a diversidade. Tal processo é bem evidente no brandmarketing da cidade de Lisboa, que agora se procura afirmar como “plataforma atlântica e cidade cruzamento de culturas”, a já chamada Lisboa cosmopolita.

Se é “pacífico” que a imigração constitui uma vantagem (entre outros aspectos já referidos) para conceder à cidade maior diversidade e uma maior dinâmica criativa, a existência de uma maior tolerância à diferença transforma-se não só numa necessidade, com também uma condição.

Pretender “vender” a ideia de uma cidade cosmopolita e, ao mesmo tempo, praticar uma gestão do território que limita a expressão da diversidade é uma contradição nos termos que pode transformar-se num potencial de conflito significativo.

Decorrentes desta problemática, algumas questões podem ser colocadas:

Como vai a cidade gerir a relação entre imigração e a apropriação eternizada do espaço público?

No contexto da emergência de um sistema migratório lusófono, com é que se vão articular o discurso de afirmação da diversidade, da mistura e do espaço político e cultural da lusofonia, com a tendência para a emergência de espaços urbanos marcados pela presença desses diversos grupos?

Poderão “nascer” na “Lisboa cidade de bairros”, “outros bairros” de expressão lusófona, desta vez integrados nas políticas públicas da cidade?